

A VIVÊNCIA DE LEITURAS DOS PAIS COMO FATOR INTERVINIENTE NA EXPERIÊNCIA DA APRENDIZAGEM DA LEITURA DOS FILHOS

Caline Macário¹
Vanessa Salomão²

RESUMO

Este artigo foi elaborado para atender aos requisitos do componente curricular Tópicos Especiais de Educação na Contemporaneidade-TEC I, como a previa da elaboração do Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia, elegendo-se como objeto investigado a formação de alunos leitores. Isso posto, propõe uma compreensão acerca da vivência de leituras dos pais como fator interveniente no processo de aquisição da leitura dos filhos; para tanto tem como objetivo compreender através da pesquisa com estudos bibliográficos de que forma a família contribui para o processo de formação dos filhos/ alunos. Visto que a leitura é fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos. Na medida em que a família torna-se um referencial de leitura para os filhos, percebe-se aí, desde cedo seu potencial, em que os alunos terá na leitura um prazer, que vai além da obrigação das atividades escolares, com isso fica mais fácil o aluno se tornar um leitor crítico. Além do que a leitura torna-se relevante por possibilitar o desenvolvimento cognitivo do indivíduo e da sua inserção social nas sociedades letradas. Nesse sentido cabe uma reflexão sobre qual tem sido a contribuição família, na formação de leitores críticos e reflexivos, no atual contexto educativo. Constata-se ainda que a família assume um papel importante na formação do leitor crítico, esse processo deve ser iniciado nos primeiros anos de vida; deve-se estabelecer um elo entre a família e a escola, onde é o lugar que durante muito tempo passamos a maior parte do tempo. O estudo foi de cunho teórico no qual se buscou responder à pergunta em questão com base nos seguintes autores: Aguiar (1993); Aranha (1989); Alves (1999); Freire (2003); Hansen (2002); Kleiman (2004); Lajolo (2008); Vilalta (1997). Conclui-se a importância da leitura no convívio familiar para a formação de leitores críticos, devendo ser iniciado nos primeiros anos de vida despertando o interesse pela leitura emancipadora.

PALAVRAS CHAVE: Leitura; Motivação; Família; Aprendizagem.

¹ Discente do V semestre do curso de Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia/DEDC-X. E-mail: kaliny_pedagoga@hotmail.com

² Discente do V semestre do curso de Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia/DEDC-X. E-mail: Vanessagoncalves2012_@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este estudo pretende analisar como o processo de vivência de leitura dos pais, pode contribuir para desenvolvimento e aprendizagem dos filhos/alunos. Já que o problema da falta de hábito de ler, pode ser um fator resultante desde cedo, da falta de estímulo no convívio familiar.

Isso posto, a pesquisa foi direcionada nessa indagação: será que a vivência de leituras dos pais como fator interveniente na experiência da aprendizagem da leitura dos filhos influencia na formação do leitor crítico? Visto que a leitura corrobora no desenvolvimento cognitivo do indivíduo e da sua inserção social nas sociedades letradas. Mediante o exposto é que se pretendeu com o presente estudo, compreender tal influência no desempenho educativo dos alunos.

No Brasil, infelizmente, lê-se pouco, normalmente ocorre por obrigatoriedade nas escolas, a leitura feita em casa com raras exceções existe. Por outro lado, em muitas situações, a leitura escolar está distanciada da realidade das experiências pessoais, causando desestímulo aos alunos.

Observa-se que a leitura é importante em todos os contextos sociais e em todas as formas e que o gosto pela leitura se processa em longo prazo, sendo muitas vezes esse gosto, fruto da contribuição familiar na transmissão do valor da leitura enquanto prática social além do modo como as famílias tratam a questão da leitura em seu cotidiano.

Para apreensão do objeto aqui investigado foram utilizados os referenciais teóricos de Aguiar (1993); Alves (1999); Freire (2003); Aranha (1989); Kleiman (2004); Lajolo (2008); Vilalta (1997).

Mediante o exposto salienta-se que este estudo foi organizado com objetivo de dar início as leituras para investigar um objeto de estudo a ser pesquisa para monografia; sendo assim, se faz necessário a elaboração do Projeto de monografia, apresentado ao componente curricular Tópicos Especiais de Educação na Contemporaneidade-TEC I, como requisito para aprovação no semestre V, do curso de Pedagogia orientado pela professora Jessyluce Cardoso Reis.

2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DISCENTE

Segundo Paulo Freire (2003) no livro a importância do ato de ler em três artigos que se completam, há duas formas básicas de conhecer a leitura do mundo e a leitura da palavra. “A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo”, dessa forma:

A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que foi mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão de mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. (FREIRE, 2003, p.11).

Ao adentrar na discussão sobre leitura na escola observa-se, que tais contribuições o hábito de ler influência na aprendizagem dos alunos, a partir da vivência de leituras dos pais, muitas vezes, também pode ser iniciado na escola, a qual tendo a função de desenvolver o estímulo à leitura.

A formação do leitor inicia-se no âmbito familiar é um processo de longo prazo, como espaço de orientação, construção da identidade de um indivíduo o hábito de ler ao ser incorporado na família, o leitor tem um perfil um pouco diferenciado daquele outro que teve o contato com a leitura apenas ao chegar à escola, a leitura empregada na maioria das vezes é a recreativa.

Conforme Aguiar (1993) a leitura recreativa, nem sempre visa à absorção do conhecimento, mas desperta o interesse e a prática da leitura a partir da descontração, o prazer empregado no texto se faz presente, a importância da leitura em nossas vidas estar de forma intensos estando presentes no nosso cotidiano ao ler jornais, revistas e no trabalho. A autora enfatiza que:

A leitura recreativa não visa à aquisição imediata de conhecimentos, mas ela é necessariamente pedagógica, uma vez que passa sempre ao leitor uma mensagem, mesmo que seja: “Não há mensagem, o importante é nos divertimos”. O mesmo autor afirma que “um livro para a juventude, antes de tudo, é um livro que os jovens lêem com prazer”. O livro será tanto mais agradável quanto mais o aluno embrenhar-se no conteúdo humano contido no texto. (AGUIAR, 1993, p. 86 e 87).

De acordo Aguiar, ensinar a ler vai além da exigência da sociedade uma leitura sistematizada é oferecer meios, que venham seduzir o aluno para um despertar uma expectativa prévia.

2.1 INCENTIVO DA LEITURA NO ESPAÇO FAMILIAR

Ao trazer a literatura infantil para o espaço familiar, os pais podem estabelecer uma relação dialógica com o filho, o livro, a sua cultura e a sua própria realidade. Além de contar ou ler a história, ele cria condições para que a criança trabalhe a história a partir do seu ponto de vista, ouvindo histórias ou lendo-as desenvolve o desejo pela leitura, facilitando o processo de aprendizagem.

Um dos maiores obstáculos encontrados na sala de aula é o descompromisso pela leitura, deveria fazer parte da vida de todas as crianças para que não tivessem tanta dificuldade para compreender os textos literários. Essa praxe logo cedo pode desconceituar o conceito de leitura na escola como forma somente obrigatório, onde só serve para cumprir atividade curricular, sendo que quanto mais ler mais conhecimento é absorvido. Dessa forma:

O texto literário, objeto do zelo e do culto, razão de ser templo, é objeto de um nem sempre discreto, mas nem sempre incomodo, desinteresse e enfado dos fiéis – infidelíssimo, aliás que não pediram para estar ali. Talvez venha desse desencontro de expectativas que a linguagem pelo qual costumam falar do ensino de literatura destile amargor e o desencanto de prestação de contas deveres tarefas e obrigações como a fala de alguns professores que mostraremos logo abaixo(...). Outros alunos por não terem hábito ou gosto pela leitura, infelizmente a maioria, só leem se obrigados. Outros ainda, a minoria não leem nem obrigados(...) muitos não leem com a desculpa de que não tem tempo, sendo que para assistir tv sempre dispõem de tempo(...). (LAJOLO,2008,p. 12).

Nota que, que já faz tempo que a própria escola não se sabe ao certo, referente à competência linguística, qual é sua função, o docente não tem formação necessária, acredita-se que a escola está sendo um reflexo do estado, treinando máquina para atuarem no mercado de trabalho, cada vez mais competitivo, está ficando de lado, de certa camuflada, o papel de formar cidadãos críticos, capazes de não se permitirem que nenhuma força os aliene. A questão relacionada aos hábitos pela leitura, mais uma vez se destaca a importância da família intervir, limitando os horários para assistirem televisão, incentivarem que assistem

programações que interagem com o ambiente escolar e cultural, ou seja, programas que se possa aproveitar algo de interessante para aprimoramento do conhecimento; além é claro, de um planejamento onde se tenha um horário fixo para leituras, é importante que a família também possa participar de alguns momentos, como por exemplo: contar história, sugerindo texto e livros. Com isso as crianças não se sentiram castigadas na hora da leitura na escola, ou quando se ler para entregar um fichamento, etc; a mesma terá a leitura como pratica diária e perceberá que a leitura precede a leitura do mundo.

5 O DILEMA DA EDUCAÇÃO: FALTA DE HÁBITO PELA LEITURA

São muitos os estudos sobre os conceitos de leitura, são inúmeras concepções veremos o que diz (ALVES, 1999); sobre o prazer da leitura:

Ler é uma virtude gastronômica: requer uma educação da sensibilidade, uma arte de discriminar os gostos. O chefe prova os pratos que prepara antes de servi-los. O leitor cuidadoso, de forma semelhante, “prova” um pequeno canapé do livro, antes de se entregar á leitura. (p.49).

Alves (1999); faz uma comparação entre o ato de comer com a prática da leitura, sendo assim, percebe-se a importância de sabermos selecionar e escolher os livros para nossas leituras deveram ter o mesmo requinte e bom gosto que utilizamos quando estamos em um restaurante refinado com pratos diversos e salientes. O mesmo afirma que ler sem gostar é uma prova de doidice, assim como não comemos aquilo que não gostamos. Ao menos que sejamos obrigados, quando, por exemplo, fazemos dieta.

Alves (1999); explica a diferença entre cozinheiro e dietista:

os dietistas estão interessados em alimentar de maneira científica aqueles que comem. Medem vitaminas, proteínas, carboidratos, sais minerais, colesterol. Para eles isso é a substancia da refeição. Os temperos, cheiros e sabores, eles os usam como disfarces, a fim de que a coisa seja comida. Sua presença é indispensável em hospitais, e ali eles se encontram como auxiliares dos médicos e enfermeiras. Os cozinheiros, ao contrário, não estão interessados em alimentar. Estão interessados em produzir prazer e felicidade. (p. 51).

O autor utiliza-se da gastronomia, para explicar sua concepção de como está sendo digerido o processo de leitura nas escolas e até mesmo na universidade, o mesmo compara os

docentes com o dieticista, que não estão preocupados em formar alunos autocríticos, capazes de promover mudanças na sociedade, se tornarem pessoas melhores e autônomas e que não se torne escravo de um sistema capitalista e cruel e excludente. O mesmo acredita que tais profissionais que não sabem agir como os cozinheiros, que fazem seu trabalho com a arte e amor de ensinar com o objetivo só de alimentar, mas também alimentar a alma e proporcionar felicidade, não deve ser chamado de docente. A arte de ensinar envolve muito tempero com muito sabor e entusiasmo. Isso ocorre muito por conta do sistema excludente, que obriga o professor a se especializar cada vez mais seu currículo, com mestrados, doutorados, Ph.D., entre outros. Ainda afirma o autor:

(...) Às escolas e aos pais pouco importa o prazer que o aluno possa ter. O que importa. Ler pode ser uma fonte de alegria. Por isso mesmo tenho dó das crianças e dos adolescentes que, depois de muito sofrer nas aulas de gramática, análise sintática e escolas literárias, saem das escolas sem ter sido iniciado nos polimórficos gozos da leitura. É como se lhe faltassem órgãos de prazer. São castrados. Não podem penetrar no corpo de prazer que é o livro nem sentir o prazer de ser penetrados por ele. Sabem ler, mas são analfabetos. (ALVES, 1999, p.53).

O que deveria ser aprendido nas escolas, o gosto pela leitura o prazer nas viagens literárias, é definitivamente enterrado; professores com pedagogias tradicionais que apenas reproduz o conhecimento com base nas notas dos vestibulares, a agora o famoso “ENEM” o sistema que o governo utiliza para excluir e selecionar os alunos que recebem os conteúdos. São aprovados mais não são capazes de fazer uma reflexão sócio crítica diante da sociedade. Continua com o elo da corrente do sistema, diante da sociedade capitalista ou entra no sistema ou o sistema te exclui. Com o sistema educacional educando os alunos apenas para ser uma máquina de fazer prova fica difícil sobra tempo para ensinar o gosto pela leitura seu hábito, ou seja, estão apenas alimentando com os nutrientes essenciais para ser aprovados, esquecem de ensinar com sabor e com amor. Por isso o motivo de nosso país estar na posição que está no ranking da mundial da educação.

Sobre leitura e burrice³, o mesmo afirma: “Ler pode ser uma fonte de inteligência. Frequentemente é uma fonte de emburrecimento. Muitas pessoas, inteligentes por nascimento, ficaram burras por excesso de leitura”. (p.55)

³ O autor afirma que o excesso de leitura provoca a desmotivação do leitor, deve se ler com qualidade e não por quantidade para obter uma leitura saborosa.

De certa forma, essa afirmação contraria a forma como muitos professores pensam e agem nas escolas, o autor destaca que assim como a comida, as leituras indesejadas também pode causar indigestão. Não se pergunta ao aluno o que eles gostariam de ler, o que mais os chama a atenção, com as escolhas dos livros feitas pelos alunos a leitura seria saborosa, não iriam perder seu tempo lendo, ou apenas copiando e colando resumo prontos de site de busca, é preciso saber sugerir para as primeira leituras, principalmente quando se trata das séries iniciais, a leitura devem ser apresentada de maneira succulenta e docemente suave. Todos discutem o problema cultural que afeta o nosso país, a falta pelo hábito da leitura, porém, as escolas não estão conseguindo lutar contra o sistema que está educando para garantir números, vagas. E infelizmente muitos acreditam e defendam ser a melhor escola pra seus filhos estarem matriculados. É necessário que se tenha clareza de que extremo está chegando o conceito de educação atual.

Alves (1999); relata que aprendeu a ler, mas isso não era o suficiente, algo estava faltando, era o domínio da técnica que torna a leitura suave como o voo de um urubu, ele compara. O mesmo afirma que “a leitura é igual à música. Para que a leitura dê prazer é preciso que quem leia domine a técnica de ler.” (p.65). Entende-se que o processo de leitura e escrita é fundamental, toda criança passa por esse procedimento para se considerar alfabetizado, o que tem que ser pensado é a questão para quem, e para quem, porque essa criança precisa ser alfabetizada. As respostas dessas indagações é que vão refletir no estímulo dos docentes em pro do incentivo ao ato da leitura. Se o docente alfabetiza com o objetivo de emancipação, de tornar os discentes cidadãos de bens e que não sejam alienados pelo sistema, sem questionar, o mesmo irá propor leituras saborosas em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho buscou-se compreender como a vivência de leitura dos pais, influencia nas praticas de leituras dos filhos/alunos. Nesse sentido procurou ainda entender as implicações destes para a formação do aluno leitor e críticos da sociedade.

Mediante a realização desta pesquisa ficou evidente a importância de se fazer uma leitura crítica, e que o gosto pela leitura se desenvolve na medida em que os conteúdos sejam de acordo com o interesse e necessidade do leitor. Por isso a escola deve se indagar quais são os assuntos que seus alunos estão interessados. Por outro lado, constatou-se que a família

assume um papel importante na formação do leitor crítico, esse processo deve ser iniciado nos primeiros anos de vida, com a prática de contar histórias, acompanhar as atividades escolares, nas férias presentear com livros de seu interesse, se não tiver preferência, indique leituras saborosas que não comprometam seu interesse; deve-se estabelecer um elo entre a família e a escola, onde é o lugar que durante muito tempo passamos a maior parte do tempo, é preciso que a escola diante dos acontecimentos, das tecnologias avançadas e atualizadas a cada segundo, deve-se manter atualizada para conseguir atrair atenção dos educandos e incentivando o hábito pela leitura. Acredita-se que o gosto de ler e a aquisição de hábitos de leitura, por parte das crianças, é resultado de uma educação com início nos primeiros anos de vida, dentro do seu ambiente familiar e a promoção do gosto pela leitura e a aquisição de hábitos de leitura é um processo contínuo, que começa na família e que deve ser reforçado assim que a criança faz a sua entrada na educação pré-escolar e ao longo de toda a sua escolaridade, e essa parceria entre escola e família pode e muito favorecer esse processo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira [e outros] Org. Regina Zilberman. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 11ª ed. 1993.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Org. Vera Maria Nigro de Souza. **O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade**. São Paulo: Edições Loyola, 6ª ed. 2012.

ALVES, Rubens. **Entre a ciência e a paciência: O dilema da educação**. Ed: Loyola,(p.49-71. 1999).

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2003.

HANSEN, João Adolfo. Leituras coloniais. In.: ABREU, Márcia. (org.) **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo. FAPESP, Mercado Letras, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 2ª ed., 2ª reimpressão, 2004.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo. Ática, 2003.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da Leitura para Leitura do Mundo**. 6 ed.2008.

VILLALTA, Luiz Carlos. **O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura**. In: História da vida privada no Brasil, 1: cotidiano e vida privada na América portuguesa. Fernando A. Novais (Coordenador geral da coleção); Laura de Mello e Souza (organizadora de volume). São Paulo Companhia das Letras. 1997. 332-385 p.